

<http://doi.org/10.47369/eidea-24-2-4077> Recebido em: 18/01/2024 Aprovado em: 30/05/2024



## “Vocês existem e são valiosos para nós”

### Sobre *elocutio* e estratégias persuasivas no discurso de Silvio Almeida

Ana Cristina Carmelino

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil

[orcid.org/0000-0002-7576-0595](https://orcid.org/0000-0002-7576-0595)

Este artigo pretende refletir sobre o uso da palavra na *elocutio* (elocução) de um excerto do discurso de posse do ministro da pasta dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil (MDHC), Silvio Almeida, proferido no início do mês de janeiro de 2023. A proposta é mostrar não apenas os efeitos produzidos por certas figuras retóricas, mas também como elas movem o *pathos*, a fim de tornar o discurso persuasivo e comovente. O estudo se fundamenta em pressupostos teóricos de estudiosos da Retórica e da Nova Retórica, especialmente no que diz respeito à elocução, às figuras retóricas e ao *pathos*.

**Palavras-chave:** *Elocutio*. Figura retórica. *Pathos*. Discurso de Silvio Almeida.

### “Ustedes existen y son valiosos para nosotros”: sobre *elocutio* y estrategias persuasivas en el discurso de Silvio Almeida

Este artículo tiene la intención de reflexionar sobre la *elocutio* (enunciado) en un extracto del discurso de toma de posesión del ministro de Derechos Humanos y Ciudadanía de Brasil (MDHC), Silvio Almeida, pronunciado a principios de enero de 2023. La propuesta es mostrar no sólo los efectos producidos por ciertas figuras retóricas, sino también cómo ellas mueven el *pathos*, para que el discurso sea persuasivo y conmovedor. El estudio se basa en supuestos teóricos de estudiosos de la Retórica y de la Nueva Retórica, especialmente en lo que se refiere a *elocutio*, a figuras retóricas y al *pathos*.

**Palabras clave:** *Elocutio*. Figuras retóricas. *Pathos*. Discurso de Silvio Almeida.

### “You exist and are valuable to us”: about *elocutio* and persuasive strategies in Silvio Almeida’s speech

This article intends to reflect on *elocutio* (utterance) in an excerpt from the inauguration speech of the minister of Human Rights and Citizenship of Brazil (MDHC), Silvio Almeida, given at the beginning of January 2023. The proposal is to show not only the effects produced by certain rhetorical figures, but also how they move *pathos*, in order to make the speech persuasive and moving. The study is based on theoretical assumptions of scholars of Rhetoric and New Rhetoric, especially with regard to *elocutio*, rhetorical figures and *pathos*.

**Keywords:** *Elocutio*. Rhetorical figures. *Pathos*. Silvio Almeida’s speech.

## Considerações iniciais

Havia um ar de expectativa para o posicionamento dos ministros que inauguraram a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva em 1º de janeiro de 2023. A espera era para saber como seria o posicionamento da nova gestão federal sobre temas bastante fragilizados na administração anterior, feita pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Pontos como meio-ambiente, saúde, ciência, cultura e direitos humanos figuram entre os que foram afetados<sup>1</sup>.

Os pronunciamentos iniciais dos novos ministros passaram a ser vistos como a primeira oportunidade pública para demonstrar, em caráter oficial, como tais temas seriam tratados. O foco deste texto é para um desses discursos, o do ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), proferido pelo titular da pasta, Silvio Almeida, em 3 de janeiro de 2023, data de sua posse. O advogado e professor universitário trazia, no currículo, atuação profissional e acadêmica pautada na luta contra a discriminação e o racismo estrutural<sup>2</sup>.

A trajetória dele<sup>3</sup> já antecipava seu posicionamento com relação à defesa dos direitos humanos e da voz, muitas vezes silenciada, de pessoas minoritárias historicamente. Era uma postura bastante diferente, quase oposta, à de Damares Alves, ministra responsável pela área de direitos humanos no governo anterior (a pasta dela tinha atuação mais ampla, abordando também pontos relacionados à mulher e à família). Saía uma conduta voltada a um pensamento conservador, entrava a pluralidade e a diversidade cultural.

Era esse o contexto que se tinha em torno do primeiro pronunciamento de Almeida. A fala, assim se esperava, sinalizaria uma virada no modo como a área vinha sendo conduzida até então. E foi o que, de fato, ocorreu. Valendo-se de uma elocução singular, caracterizada pelo uso de certas figuras retóricas, o discurso proferido pelo ministro, à época, foi recebido de modo bastante impactante e rotulado, na imprensa, como sendo histórico. Dados a serem demonstrados na próxima seção.

---

<sup>1</sup> As informações podem ser conferidas em Hessel (**Correio Braziliense**, 17 abr. 2023).

<sup>2</sup> De acordo com Almeida (2019, p. 33), racismo estrutural é “[...] uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”. Essa dimensão do racismo pode ser desdobrada em processo político e histórico.

<sup>3</sup> Para fins de contextualização, a biografia de Silvio de Almeida pode ser vista em Paiva (**Jota**, 22 dez. 2022).

O modo de fazer ressoar o poder das palavras está ligado diretamente à forma como elas são empregadas no discurso, ou seja, à maneira como se trabalha a *elocutio*, uma das partes do sistema retórico. Concebida tecnicamente como a redação do discurso retórico, a elocução não consiste apenas em uma questão estilística, compreende também o tratamento da língua em sentido amplo, qual seja, a escolha das palavras e a construção das frases, a clareza, a correção, a adequação, a concisão, a elegância, a vivacidade, o uso das figuras com valor de argumento (cf. Aristóteles, 2015; Reboul, 2004; Tringali, 2014).

Considerando-se que, na *elocutio*, reside o propósito de escolher a melhor forma de dizer o que se quer proferir, com o intuito de envolver e persuadir o auditório pelo suscitar de suas emoções e de sua atenção, este artigo busca refletir sobre um trecho do discurso de posse Silvio Almeida. O objetivo principal é mostrar mais especificamente que, na *elocutio*, certas figuras retóricas de que se vale o ministro são responsáveis por tornar a produção persuasiva e comovente. Além disso, pretende-se evidenciar tanto os efeitos argumentativos gerados por esse recurso expressivo quanto o modo como ele movimenta o *pathos*.

As figuras retóricas são caracterizadas por apresentarem uma estrutura discernível, dado que as distancia de um modo comum de expressão. Além de “[...] operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso” (Fiorin, 2014, p. 10), esse expediente constitui um processo produtor de surpresa (cf. Aristóteles, 1964). Ao impressionarem, contribuem não apenas para a construção de um discurso sedutor, mas também para condensar valores necessários, para estabelecer a argumentação e reforçar o acordo prévio instaurado entre orador e auditório.

Diante das explanações feitas, os pressupostos teóricos adotados na análise do objeto advêm da Retórica aristotélica e da Nova Retórica, a partir de estudiosos que exploram especialmente noções como *elocutio*, figuras retóricas e *pathos*. Conforme Aristóteles (2015), a Retórica consiste na arte de encontrar os mecanismos de persuasão que cada situação discursiva comporta. Para isso, opera por meio de três provas: *ethos* (imagem que o orador apresenta/impõe de si), *pathos* (emoções/paixões despertadas no auditório) e *logos* (discurso em si, no qual as estratégias persuasivas são demonstradas). Se, na *elocutio*, o orador trabalha o *logos* e o *pathos* no discurso, aqui, o enfoque será dado a essas provas.

Em termos de estrutura, este texto se organiza da seguinte forma: tendo em vista o objeto de análise proposto, na primeira seção consta uma breve contextualização do ministro Silvio Almeida e de seu discurso de posse; na sequência, abordam-se teoricamente a *elocutio*, as figuras retóricas e o *pathos*; e, por fim, mostra-se de que maneira a elocução de Almeida é elaborada, isto é, quais figuras são exploradas bem como os efeitos persuasivos e paixões que elas mobilizam.

## 1. Sobre Silvio Almeida e seu discurso de posse

O ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, que iniciou o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, construiu toda a sua carreira acadêmica em São Paulo. Silvio Luiz de Almeida cursou Filosofia (Universidade de São Paulo) e Direito (Universidade Presbiteriana Mackenzie), fez mestrado em Direito Político e Econômico (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e doutorado e pós-doutorado em Direito (uma vez mais na USP)<sup>4</sup>.

Em seus estudos e escritos, manteve foco no racismo estrutural (título de um de seus livros<sup>5</sup>) e em ações antidiscriminatórias. A trajetória profissional também se deu na capital paulista. Foi docente de Direito no Mackenzie e na Fundação Getúlio Vargas, onde atuou ainda nos cursos de Administração. Foi o primeiro presidente do Instituto Luiz Gama, associação voltada à defesa dos negros, dos grupos minoritários e das causas populares<sup>6</sup>.

A guinada para Brasília teve início em 2021, quando assumiu a relatoria da Comissão de Juristas da Câmara dos Deputados e, no ano seguinte, integrou a equipe de transição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Almeida foi um dos responsáveis pela área de direitos humanos. Foi escolhido pelo presidente eleito para comandar, a partir de janeiro de 2023, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

O discurso de posse, objeto de análise neste artigo, foi feito na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, no dia 3 daquele mês e durou aproximadamente quarenta

---

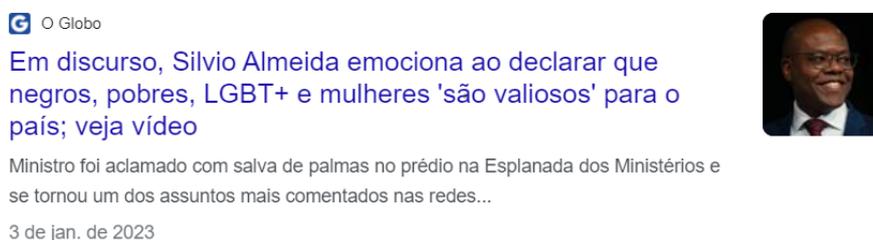
<sup>4</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes** - *CNPq*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6325980837929171>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

<sup>6</sup> O Instituto Luiz Gama (ILG) se autodefine como “[...] uma associação civil sem fins lucrativos formada por um grupo de juristas, acadêmicos e militantes dos movimentos sociais que atua na defesa das causas populares, com ênfase nas questões sobre os negros, as minorias e os direitos humanos” (<https://institutoluizgama.org.br/quem-somos/>).

minutos<sup>7</sup>. A fala do ministro foi bem recebida pelos presentes à cerimônia. Almeida foi aplaudido de pé. A recepção foi duplicada por um segundo auditório, mais amplo, mediado pelos meios de comunicação. Na rede social Twitter<sup>8</sup>, foi um dos assuntos mais comentados do dia<sup>9</sup>. Na imprensa, algumas das manchetes destacaram os aspectos emocionais (e até históricos) do discurso. A título de contextualização, citem-se três exemplos selecionados aleatoriamente:

**Figura 1** – Segundo “O Globo”, discurso de Almeida emocionou



Fonte: Dias (2023)

**Figura 2** – “Revista Fórum” classifica discurso como “histórico”



Fonte: Teodoro (2023)

**Figura 3** – Para a revista “Veja”, fala trouxe “guinada histórica” na área



Fonte: Meirelles (2023)

<sup>7</sup> A cerimônia de transmissão de cargo ao ministro de Direitos Humanos e Cidadania pode ser vista, na íntegra, pelo link: <https://www.youtube.com/live/HbhFy04-dJ8?si=HhD0TEdusZu3bgle>. Acesso em: 15 jan. 2024.

<sup>8</sup> Convém registrar que, a partir de julho de 2023, o Twitter foi renomeado para X (Lucena, **Carta Capital**, 24 jul. 2023).

<sup>9</sup> Os dados podem ser conferidos em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/posse-do-ministro-silvio-almeida-chega-ao-primeiro-lugar-dos-assuntos-mais-comentados-no-twitter>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Em essência – se é que é possível resumir um discurso do qual se extrai tanto conteúdo –, pode-se dizer que a fala do novo ministro volta-se para uma política de direitos humanos, na qual o principal compromisso assumido é “a vida e a dignidade humana”, algo que seria de interesse de todos. Partindo da reconstrução e da transversalidade, na busca de instaurar o sentimento de paz e estabelecer o diálogo, seu plano se dedica a um Brasil no qual cada brasileiro poderia caber.

Ele salienta a herança do passado nessa área, resistência e luta que pautam o presente para as ações futuras. O ontem traria lições que, segundo ele, não seriam esquecidas ou silenciadas. O hoje configuraria, nas palavras do novo titular da pasta, um “ministério arrasado”, sem verbas e propagador de preconceitos e mentiras. O futuro estaria, de forma mais geral, no compromisso dele e da gestão presidencial com a democracia e os direitos humanos e, de forma mais específica, com cada um dos “grupos vítimas de injustiças e opressões”. “Vocês existem e são valiosos para nós”, disse, após nomear cada segmento individualmente.

## 2. Sobre *elocutio*, figuras retóricas e *pathos*

Levando-se em conta que o interesse da Retórica está centrado no dito (uma vez que nasce atrelada à palavra) – mais precisamente no que o orador diz e na maneira como ele diz para persuadir –, a *elocutio*, terceira parte do sistema retórico<sup>10</sup>, é de suma importância no processo de comunicação persuasiva. Entendida como a redação do discurso retórico, é, conforme assinala Ferreira (2010, p. 116), “[...] a construção linguística que manifesta as virtudes e defeitos da energia retórica de construção textual”.

Na *elocutio*, importa “[...] o melhor modo de dizer o que se vai dizer” (Tringali, 2014, p. 129), tendo em vista que tanto a escolha das palavras quanto a forma como elas são utilizadas pelo orador ligam-se diretamente à intenção de influenciar o auditório. Ainda que associada ao estilo, a *elocutio* não se limita somente a ele; envolve a abordagem da língua em sentido lato, o que significa, segundo estudiosos da Retórica e da Nova Retórica<sup>11</sup>, que a linguagem seja adequada (apropriada ao

---

<sup>10</sup> A retórica antiga divide o sistema retórico em cinco partes: *inventio* (reunião das provas para sustentar o discurso), *dispositivo* (organização dos argumentos em certa sequência), *elocutio* (redação do discurso), *actio* (proferição do discurso) e memória (arquivo do saber) - Cf. Tringali (1988, 2014); Reboul (2004); Fiorin (2014).

<sup>11</sup> Cf. Cícero (1950); Aristóteles (2015); Reboul (2004); Tringali (1988, 2014); Ferreira (2010).

assunto, às circunstâncias e ao auditório), correta, clara, concisa, elegante, vivaz (dinâmica, articulada) e ornamentada (que encanta pela beleza e pelo refinamento).

Das virtudes da *elocutio*, evidencia-se, aqui, a ornamentação, posto que ela é obtida por meio das figuras. O ornamento não serve só para embelezar, serve para realçar/amplificar a fim de persuadir<sup>12</sup>. As figuras – concebidas por uma estrutura que se afasta do modo comum de expressão – são, portanto, expedientes necessários à constituição do *logos* e do *pathos*. Além de contribuírem para a produção de um discurso belo e comovente, podem potencializar o sentido e condensar valores indispensáveis para estabelecer a argumentação e reforçar o acordo prévio instaurado entre orador e auditório.

Convém salientar, no entanto, que atuar como técnica argumentativa não é a única função das figuras, ainda que este seja o interesse de abordagem do fenômeno no texto em questão. Objeto de estudo de diversos trabalhos ao longo do tempo, o recurso pode apresentar apenas valor estilístico. É o caso das figuras literárias ou de estilo, cujo objetivo é, puramente, o efeito artístico ou poético da linguagem. Levando-se em conta o percurso histórico das figuras, especificamente na perspectiva da Retórica (Antiga, Clássica e Geral) e da Nova Retórica, verificam-se diferenças tanto no tratamento quanto na classificação do expediente.

Conforme Tringali (1988), na Retórica Antiga, as figuras foram consideradas como estratégia persuasiva e argumentativa; na Retórica Clássica, dada a ênfase à arte de bem falar, elas se restringiram à *elocutio*; na Retórica Geral, houve dois momentos: i) aquele em que o recurso se tornou objetivo nuclear de estudo (1730 a 1830), e, por isso, alvo de críticas e responsáveis pelo declínio da área; ii) aquele em que a função poética da linguagem passa a ser definida pelo uso das figuras, fazendo o estudo desse expediente renascer.

No que concerne à classificação das figuras, é preciso assinalar a contribuição trazida pelos estudos da Retórica Geral, especialmente a proposta do Grupo  $\mu$ , de Liège, que considera modificações da linguagem (palavra, frase) no nível da expressão e do conteúdo, o que leva à identificação de quatro grupos (cf. Tringali, 1988, 2014): metaplasmos (figuras fonológicas), metataxes (figuras de sintaxe),

---

<sup>12</sup> Segundo Fiorin (2014, p. 22), “[...] ornamento é o que usamos [...] para dar à argumentação relevo e amplitude”.

metassememas (figuras de natureza semântica) e metalogismos (figuras de pensamento)<sup>13</sup>.

Com o passar do tempo, entretanto, as figuras foram reexaminadas sob novas perspectivas. Nesse sentido, a depender do olhar teórico e dos propósitos perfilhados, há variação. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 190 - grifos dos autores), proponentes da Nova Retórica, reveem as figuras e destacam que é preciso “[...] mostrar em que e como o emprego de algumas figuras determinadas se explica pelas necessidades da argumentação”.

Para esses teóricos, a figura é argumento. E é percebida como tal, quando acarreta a adesão do ouvinte, logo, quando leva a uma alteração de juízo. Ainda que o expediente possa suscitar a admiração/surpresa (no plano estético, modo de fazer literário) ou o testemunho da originalidade do orador, ele não pode ser tido, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), como algo que opere apenas sobre a sensibilidade (isto é, sobre o *pathos*).

Quanto à classificação, considerando-se o efeito produzido por certas figuras, os autores propõem três grupos, a saber: a) as figuras da escolha dizem respeito ao modo como os fatos são exibidos ou caracterizados, buscando impor ou sugerir uma escolha; b) as figuras da presença procuram despertar o sentimento (a consciência) para o objeto do discurso, fazendo, ao aumentar sua presença, com que o argumento seja sentido; e c) as figuras da comunhão são aquelas por meio das quais o orador se empenha em criar ou confirmar a união com o auditório, cujo efeito é, portanto, realizar a comunhão.

Conforme observado por Carmelino e Ramos (2023), dentre os enfoques contemporâneos, Reboul (2004, p. 114) também assinala a função persuasiva das figuras retóricas, ao dizer que “Se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo”. Entretanto, de modo diferente do que propõem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), para o teórico, a figura deriva sempre do *pathos*, posto que propicia prazer, emoção. *Pathos*, nos moldes aristotélicos, refere-se às emoções e paixões despertadas pelo orador no auditório. Estas são, segundo Aristóteles (2015, p. 116), “[...] as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos”.

---

<sup>13</sup> Um estudo mais detalhado da classificação das figuras pode ser visto em Tringali (1988, p. 124-141).

Em consonância com Reboul (2004), assume-se, para os propósitos deste texto, que as figuras têm um papel relevante junto ao *pathos*. Sabendo-se que, em Retórica, *pathos* consiste em uma ferramenta poderosa para mobilizar emocionalmente o auditório a favor de uma tese, as figuras podem contribuir para modular a intensidade das paixões em um discurso e levar o auditório à ação. É o que ressalta Ferreira (2010, p. 105), ao dizer que as figuras “[...] pretendem impressionar pela emoção e condensar valores necessários, para estabelecer a argumentação”.

Conhecedor do papel que as paixões desempenham no discurso, Aristóteles (2015) descreve aquelas que acometem a alma humana e a fazem subjugar, destacando que cabe ao orador encontrar e suscitar no auditório as paixões disponíveis. Dentre elas, no segundo livro da *Retórica*, o filósofo discorre sobre catorze paixões, quais sejam: ira (cólera), calma, amizade (amor), inimizade (ódio), temor (medo), confiança, vergonha, desvergonha (impudência), favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo.

Ao versar sobre as grandes paixões aristotélicas, Meyer (2003, p. XL) acrescenta que “as paixões são respostas às representações que os outros concebem de nós”. Conforme o filósofo belga, as paixões se prestam a “negociar”, de certa forma, “a identidade pela diferença”. Isso, nas palavras de Figueiredo (2019, p. 7), significa que “[...] as paixões, em um processo argumentativo, são pontes que permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação de traços deflagrados em comum”.

O estudo das paixões retóricas consubstancia a persuasão emocional. Esta diz respeito não apenas a saber pôr o auditório numa disposição anímica favorável ao orador e ao discurso, mas também a desencadear as paixões apropriadas a cada situação. Logo, convém ao orador descobrir tanto o estado anímico do auditório quanto os temas a que ele reage de forma emotiva. Segundo os registros de Mateus (2019, p. 135), na argumentação, a persuasão emocional usada é o recurso mais forte de todos, tendo em vista o fato de que ela busca “[...] evidenciar a satisfação de necessidades e o desejo do auditório”.

Com base no que foi dito e no fragmento do discurso em análise, conforme se verá, na *elocutio*, ao adotar estratégias persuasivas que impressionam positivamente o auditório – dado feito principalmente a partir da sinédoque, da apóstrofe e da repetição (figuras a serem tratadas detalhadamente na próxima seção) –, Almeida

demonstra, pela linguagem, sua capacidade de enfatizar e corroborar ideias e provoca paixões disfóricas e eufóricas.

### 3. Sobre a defesa da vida e da dignidade: o discurso persuasivo de Silvio Almeida

Praticar a retórica é responder às questões fundamentais do auditório. A estrutura retórica da resposta exige do orador empenho e arte, porque, no ato retórico, se o propósito é estabelecer acordos, é preciso movimentar razão e emoção. Neste texto, considera-se que o orador (Almeida) faz isso na *elocutio*, por meio do *logos* e do *pathos*. O *logos* é constituído por figuras retóricas que atuam como argumento e movem o *pathos*, contribuindo para tornar o discurso mais comovente e sedutor. Partindo do exposto, passa-se à análise de um excerto do discurso de posse de Silvio Almeida, excerto a partir do qual o ministro põe em relevo pessoas e povos minoritários.

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós. Com esse compromisso, quero ser ministro de um país que ponha a vida e a dignidade humana em primeiro lugar (Almeida, 2023).

No trecho em questão, observa-se que uma das figuras retóricas de que se utiliza Almeida para informar e emocionar é a sinédoque. Parte dos chamados metassememas ou grupo de figuras de natureza semântica, a sinédoque é um tipo de metonímia<sup>14</sup>, em que se observa uma relação de contiguidade entre termos, mais precisamente a do tipo parte pelo todo. Conforme Fiorin (2014, p. 38), na sinédoque,

---

<sup>14</sup> Para Reboul (2004, p. 121), a metonímia “[...] designa uma coisa pelo nome de outra que lhe está habitualmente associada”.

a “[...] transferência sêmica se faz entre dois sentidos que constituem um todo”, havendo uma generalização (o todo se usa em lugar da parte) ou uma particularização (a parte se usa em lugar do todo). Logo, na sinédoque, há traços que coocorrem necessariamente num significado, numa espécie de inclusão.

No caso, ao explicitar grupos específicos (“trabalhadoras e trabalhadores do Brasil”, “mulheres do Brasil”, “homens e mulheres pretos e pretas do Brasil”), minoritários e marginalizados (“povos indígenas deste país”, “pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias”, “pessoas em situação de rua” e “pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados”), Almeida faz uso da sinédoque particularizante, a fim de destacar aqueles, dentre o todo, que merecem cuidado, na gestão que se inicia.

A força argumentativa da sinédoque, ou melhor, o efeito persuasivo dessa figura, reside na denominação, exatamente na relação parte/todo, a qual ressalta aquilo que interessa ao orador: dentre grupos (pessoas/povos) que compõem o país, alguns específicos e minoritários. Nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a sinédoque, pelo efeito que produz, pode ser considerada uma figura de escolha: embora a função dela não seja essencialmente a da caracterização, esta poderia servir-lhe, porque está relacionada ao modo como os fatos são apresentados ou assinalados, buscando impor ou sugerir uma seleção.

A escolha imposta por Almeida chama a atenção para uma característica particular dos grupos destacados, a “existência” e a “importância” deles, isso para o seu ministério e o governo que acabara de tomar posse. Dado veementemente posto em destaque como negligenciado pelo governo e ministério anterior: “O compromisso deste Ministério com a luta de todos os grupos vítimas de injustiças e opressões [...]. Por isso, permitam-me, como primeiro ato como Ministro, dizer o óbvio, o óbvio que, no entanto, foi negado nos últimos quatro anos” (Almeida, **Gov.br**, 3 jan. 2023).

Assim como a sinédoque, outra figura acolhida na *elocutio* é a apóstrofe, conhecida como um tipo de interrogação oratória, na qual o orador se dirige a algo ou alguém (real ou não) para persuadi-lo. De acordo com Fiorin (2014, p. 55), na apóstrofe, ocorre “[...] um distanciamento da situação de enunciação para trazer à

cena enunciativa quem, em princípio, não era o interlocutor”. Assim, o orador pode evocar um “[...] ser natural ou sobrenatural, animado ou inanimado, concreto ou abstrato, presente ou ausente, para exprimir pedidos, censuras, lamentos, etc.” (Fiorin, 2014, p. 55).

No trecho do discurso em exame, Silvio Almeida se dirige a grupos específicos, pessoas e povos minoritários e marginalizados historicamente (a exemplo “homens e mulheres pretos e pretas do Brasil”, “povos indígenas deste país”), interpelando-os para declarar o quanto são importantes. Mesmo que não estivesse presente um representante de cada um dos grupos evocados pelo ministro no momento de sua posse, todos, de certo modo, sentiram-se representados.

No que concerne ao papel argumentativo da apóstrofe, verifica-se que os estudiosos dividem opiniões. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 202), por constituir uma figura de comunhão, o orador a emprega na comunicação oratória seja para “[...] confundir-se com o seu auditório” (e, certamente, criar ou confirmar com ele união), seja para convidar o interlocutor/auditório a refletir “[...] sobre a situação em que está [...], a participar da deliberação” que é posta em questão. No *logos* do excerto examinado, é possível notar que, ao se utilizar das apóstrofes, Almeida busca não apenas confirmar a união (sua e de seu ministério – “para nós”) com seu interlocutor/auditório – todos os lembrados –, mas também fazer com que ele se conscientize de que existe e é valioso, logo, que faça parte do compromisso assumido: o de pôr “a vida e a dignidade humana em primeiro lugar”.

Para Reboul (2004), no entanto, o poder argumentativo da apóstrofe está na amplificação<sup>15</sup> que promove, não na comunhão. Segundo o autor, a apóstrofe “[...] permite ultrapassar o auditório real em direção a um auditório (mais) universal, ou, inversamente, em direção a um indivíduo que personifique o auditório universal<sup>16</sup>” (Reboul, 2004, p. 134). Como mencionado, ao evocar certos grupos, a sociedade brasileira como um todo acaba sendo contemplada. Considerando-se, ainda, que, na amplificação, os fatos são conhecidos pelo público (faz-se necessário lembrar que muitos dos citados foram deixados de lado no governo anterior) e cabe ao orador dar-lhes valor, mostrando sua importância e sua nobreza, nota-se que Silvio Almeida

---

<sup>15</sup> Para Tringali (2014, p. 177), amplificar é “[...] “realçar, potencializar o discurso [...] para convencer, comover e agradar”.

<sup>16</sup> A definição de auditório universal pode ser vista em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 33) como aquele “[...] constituído pela humanidade inteira”.

faz isso ao engrandecer seus interlocutores/seu auditório, colocando-os em posição de superioridade.

Ainda no que diz respeito à força persuasiva da apóstrofe, Fiorin (2014) parece considerar tanto os pressupostos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) quanto os de Reboul (2004). Por constituir um metalogismo (tipo de figura que interfere no conteúdo semântico do enunciado), na apóstrofe, segundo Fiorin (2014, p. 55), há “[...] uma concentração sêmica, para expressar uma emoção viva e profunda, para exprimir um elo passional, o que significa intensificar o enunciado”. Tais considerações tanto aproximam a apóstrofe a uma figura de comunhão (responsável por um “elo passional”) quanto de amplificação (intensificam o enunciado). Nesse sentido, entende-se que o poder argumentativo das apóstrofes usadas por Almeida está tanto na força da comunhão quanto na amplificação engendradas.

Dentre as figuras retóricas observadas no trecho do discurso de Silvio Almeida, vê-se que a repetição assume um papel preponderante. Ainda que a denominação atribuída a esse tipo de figura indique, por si só, a função exercida por ela – qual seja, a ênfase –, é preciso ponderar que há diferentes tipos de repetição, visto que ela se efetiva em níveis diversos, como forma (sons, morfemas, palavras, sintagmas, orações), conteúdo semântico e estrutura (disposição em que se dá a reprodução – início, meio, final – e a sequência em que ela ocorre). Sobre a disposição, Fiorin (2014) registra que a repetição pode ser intraoracional (quando a repetição é contínua ou intervalada dentro da mesma oração) ou transoracional (quando uma expressão ou oração é repetida em outra oração).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) incluem a repetição entre as chamadas figuras de presença, posto que a função desse grupo é despertar o sentimento de consciência do objeto do discurso, fazendo com que se perceba o argumento. A propensão argumentativa desse expediente está ligada às funções que pode exercer, quais sejam: salientar “[...] o caráter chocante” de um fato; “[...] acentuar o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados”, “[...] sugerir distinções” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 198-199); ou ainda “[...] emocionar o auditório e ferir a parte contrária” (Reboul, 2004, p. 114).

Como bem assinalam Carmelino e Ramos (2023, p. 12), a “[...] repetição persuade pelo uso contínuo de algo”. Mais ainda, por meio desse recurso expressivo, o orador “[...] tende a estabelecer com seu auditório uma fixação e uma relação de contato mais prolongada, engendrando a informação de modo intenso e eficaz”. É o que se

observa no *logos* do fragmento analisado, a partir dos diferentes tipos de repetição transoracionais.

A mais saliente das figuras de repetição talvez seja a que reproduz o enunciado “você(s) existem e são valiosos para nós”, que sucede cada um dos vocativos (grupos) destacados pelo ministro. Trata-se, segundo Fiorin (2014), da figura conhecida como *palilogia*, que significa “recapitulação”. Nela, repete-se, na sequência ou em intervalos regulares, uma oração ou verso. É o que se observa nas sete ocorrências em que o enunciado foi mencionado, sempre em posição final de período, recorrentemente intercalado entre os vocativos, como se fosse um mantra:

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós (Almeida, 2023, grifos nossos)

Em termos de efeito persuasivo, a *palilogia* é absolutamente necessária, além de aumentar a extensão do texto, intensificando o sentido do qual os grupos mencionados são importantes, ela busca criar certa identidade, isto é, estreitar relação entre grupos representados pelos vocativos, uma vez que o sentimento de cuidado é igualmente expresso a todos; busca-se, logo, não se fazer distinção entre eles. A *palilogia* tende, desse modo, a marcar no enunciado fortemente a manifestação de afeto. Ademais, se a repetição está subordinada às intenções do orador, conforme registram Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o sentido certamente não seria o mesmo se todos os grupos fossem postos juntos e a eles fosse acrescentado o enunciado uma única vez.

Outra figura de repetição notada na *elocutio* é o paralelismo, conhecido por reproduzir a mesma estrutura gramatical. Do grego *parallelós*, cujo significado é “[...] de maneira análoga”, o paralelismo “[...] retoma uma estrutura oracional, preenchida,

no entanto, a cada vez, com vocábulos diferentes” (Fiorin, 2014, p. 138). Ainda conforme esse autor, o papel do paralelismo é evidenciar “[...] que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos, dado que intensifica o sentido veiculado por elas”. Aí reside, portanto, sua força persuasiva. No fragmento em análise, observam-se dois tipos de construções simétricas, ou seja, as que repetem sintagmas com a mesma organização sintática. É o que pode ser conferido nos Quadros 1 e 2.

**Quadro 1** – Estrutura: vocativo + complemento + oração coordenada

VOCATIVO	COMPLEMENTO	ORAÇÃO COORDENADA
trabalhadoras e trabalhadores	do Brasil	vocês existem e são valiosos para nós
Mulheres	do Brasil	vocês existem e são valiosos para nós
Homens e mulheres pretos e pretas	do Brasil	vocês existem e são valiosos para nós
Povos indígenas	deste país	vocês existem e são valiosos para nós

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 2** – Estrutura: vocativo + oração coordenada

VOCATIVO	ORAÇÃO COORDENADA
Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias	vocês existem e são valiosos para nós
Pessoas em situação de rua	vocês existem e são valiosos para nós
Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados	vocês existem e são valiosos para nós

Fonte: elaboração própria.

Além da palilogia e do paralelismo, mais duas figuras de repetição podem ser observadas no *logos* do excerto. Uma delas é a epístrofe, caracterizada pela reprodução de mesma palavra ou mesmo segmento no final de frases ou construções seguidas (cf. Tringali, 1988; Fiorin, 2014), vista na expressão “do Brasil”, a qual ocorre nos três primeiros enunciados, sempre após o vocativo (“Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil”; “Mulheres do Brasil” e “Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil”). A outra figura trata-se de uma repetição semântica, uma vez que retoma o segmento “do Brasil” por meio do hiperônimo “país” (“Povos indígenas deste país”). A ênfase, em ambos os casos, mostra que o discurso se dirige a pessoas

minoritárias e marginalizadas que pertencem a um lugar específico. O compromisso de zelo coloca, portanto, esse país em evidência.

De acordo com o exposto, assume-se que as figuras retóricas não apenas funcionam como argumento, mas também embelezam e comovem – nos termos de Cícero (1950) –, atuam sobre a sensibilidade, movendo o *pathos*. Se, para Aristóteles (2015, p. 63), na prova pelo *pathos* a persuasão se dá “[...] pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso”, visto que os juízos emitidos variam conforme o que se sente, em seu discurso Silvio Almeida busca conduzir o auditório suscitando paixões apropriadas à situação, paixões que evidenciam a satisfação de necessidades e o desejo do auditório. É o caso da calma e da confiança, que levam à esperança, à expectativa de um futuro melhor, em que haja dignidade humana e valorização de todos.

Em um dos principais enunciados que compõem o fragmento, qual seja, “vocês existem e são valiosos para nós”, o ministro sela um dos compromissos que assume, compromisso esse, certamente, muito esperado por seu auditório: um gesto, traduzido em palavras, que manifesta amor/amizade e compaixão para com os grupos sociais exaltados, especialmente pessoas e povos minoritários. Tais paixões concentram em si o cuidado, o qual se opõe à dor da indiferença, do descaso, do desprezo.

Logo, no discurso em que se propaga a retórica do comprometimento, o ato retórico afeta os corações e as mentes de um auditório sofrido, marginalizado. Desse modo, da *elocutio* singular, do *logos* constituído por figuras retóricas, observa-se que tanto as paixões suscitadas quanto as manifestadas pelo orador são capazes de criar pontes, permitindo aproximação e identificação com o auditório. Como dito, se exercitar a retórica é dar respostas para questões fundamentais do auditório, é isso que procura fazer Almeida em seu discurso de posse, movimentando razão e emoção para estabelecer acordo.

Para além das figuras e das palavras escolhidas, que ornamentam a *elocutio* bem como causam enternecimento, observa-se que Almeida adota o registro formal, com um estilo elegante, vivaz, solene e agradável. A escrita em primeira pessoa do plural (“para nós”) consegue impregnar o texto de comunhão, edificando o tom confessional. O excerto remete à figura sensível, que atenta para as coisas importantes, refletem um arguto senso de responsabilidade para com o auditório e

ainda recolhem em si a dignidade dos povos minoritários, pois, historicamente, foram deixados de lado.

## Considerações finais

Quando se fala em um discurso retórico, embora se busque muitas vezes ligar ideias às evidências, nem sempre é possível garantir a verdade das premissas, a validade dos raciocínios e a certeza das conclusões. Mais ainda, nem sempre é possível sustentá-lo com argumentos racionais. A persuasão se dá, muitas vezes, por meio de um discurso emocional, no qual o auditório é posto numa disposição anímica favorável ao orador e ao discurso. É o que se buscou mostrar a partir da análise de certas figuras na *elocutio* e sua relação com o *pathos*, em um excerto do discurso de Silvio Almeida, proferido em 3 de janeiro de 2023, data em que o advogado foi empossado ministro da pasta dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil.

Considerando-se especificamente o fragmento em análise, se questionássemos por que Almeida disse o que disse da forma como disse, a resposta está explicitada na *elocutio*. O problema de que parte o orador é quais são as demandas do cargo assumido. A conclusão é clara: a necessidade de se considerar a vida e a dignidade humana como prioridade. O *logos* e o *pathos* exigem posicionamentos do auditório. Como ser retórico, o dizer do novo ministro acaba por traduzi-lo como comprometido com os pessoas e povos minoritários e marginalizados historicamente – e, justamente por ser retórico, enfático, vale-se da palavra para externar ou exprimir as necessidades e o desejo do auditório e a emoção expressada no discurso.

Para concretizar o ato retórico, Silvio Almeida recorre a algumas figuras para constituir o *logos*. A sinédoque particularizante marca a escolha dentre (o todo) os que merecem atenção e cuidado no Brasil. A apóstrofe explícita e amplifica os grupos aos quais o ministro dirige seu discurso naquele momento, buscando não apenas confirmar união com os evocados, mas também exaltá-los. A repetição, principal figura do excerto, intensifica o sentido, uma vez que demonstra igualmente a existência e a importância de cada um dos grupos mencionados. Desse modo, as figuras retóricas contribuem tanto para condensar valores necessários, para estabelecer a argumentação e reforçar o acordo prévio instaurado entre orador e auditório, quanto para tornar o discurso comovente.

Se o discurso é emocionante, opera sobre o sensível, mobiliza o *pathos*. No caso em questão, observam-se certas paixões aristotélicas na condução do auditório pelo orador a partir de seu ato retórico. O compromisso assumido por Almeida demonstra amor, amizade e compaixão – paixões que buscam não apenas acalantar os grupos memorados, mas também assegurar o cuidado de que eles precisam. A manifestação desses sentimentos incita, automaticamente, calma e confiança no auditório, paixões que fazem ascender a esperança, a segurança bem como estabelecer diálogo e criar um laço de identificação com esse auditório. Logo, tanto o discurso quanto as paixões movimentadas corroboram a apologia da vida e da dignidade humana. O ato retórico de Almeida é elaborado, portanto, para negociar desejos e, sobretudo, realçar valores.

## Fontes

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Discurso de posse do ministro Silvio Almeida. **Gov.br**, 3 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/DiscursodeposseDoMinistroSilvioAlmeidapdf.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes - CNPq**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6325980837929171>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CERIMÔNIA de transmissão de cargo ao ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania. Governo agora. **YouTube**, 3 jan. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HbhFyo4-dJ8&ab\\_channel=Minist%C3%A9riodosDireitosHumanosedaCidadania](https://www.youtube.com/watch?v=HbhFyo4-dJ8&ab_channel=Minist%C3%A9riodosDireitosHumanosedaCidadania). Acesso em: 15 jan. 2024.

DIAS, Pâmela. Em discurso, Silvio Almeida emociona ao declarar que negros, pobres, LGBTQ+ e mulheres ‘são valiosos’ para o país. **O Globo**, 3 jan. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/em-discurso-silvio-almeida-emociona-ao-declarar-que-negros-pobres-lgbt-e-mulheres-sao-valiosos-para-o-pais-veja-video.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2024.

HESSEL, Rosana. Inesc faz alerta de retrocessos em 4 anos de governo Bolsonaro, **Correio Braziliense**, 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2023/04/5087836-inesc-faz-alerta-de-retrocessos-em-4-anos-de-governo-bolsonaro.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

INSTITUTO Luiz Gama. Disponível em: <https://institutoluizgama.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

LUCENA, André. Por que Elon Musk resolveu trocar o logo do Twitter por um 'X'? **Carta Capital**, 24 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tecnologia/por-que-elon-musk-resolveu-trocar-logo-do-twitter-por-um-x/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MEIRELLES, Renato. "Vocês existem e são valiosos para nós!" **Veja**, 5 jan. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/por-tras-dos-numeros/voces-existem-e-sao-valiosos-para-nos>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MINISTÉRIO dos Direitos Humanos e da Cidadania, Gov.br, 3 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/silvio-almeida-reverencia-a-luta-por-memoria-verdade-e-justica-em-seu-discurso-de-posse-como-ministro-dos-direitos-humanos-e-da-cidadania>. Acesso: 15 jan. 2024.

PAIVA, Letícia. Quem é Silvio Almeida, advogado escolhido para ministro dos Direitos Humanos, **Jota**, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/quem-e-silvio-de-almeida-advogado-escolhido-para-ministro-dos-direitos-humanos-22122022>. Acesso: 15 jan. 2024.

TEODORO, Plínio. Com discurso histórico Silvio Almeida assume Direitos Humanos: não haverá anistia. **Revista Fórum**, 3 jan. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2023/1/3/com-discurso-historico-silvio-almeida-assume-direitos-humanos-no-havera-anistia-129609.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução: Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo. Figuras retóricas para registrar história(s): discursos sobre as mortes por Covid-19 no Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n. 2, p. 1-26, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339252759>.

CÍCERO, Marcus Tullius. **De l'Orateur**. Livre deuxième. Tradução: Edmond Courbaud. 4. ed. Paris: Les Belles Lettres, livre II, 1950.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. **Sinergia**, v. 20, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/1101>. Acesso em: 15 jan. 2024

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATEUS, Samuel. Formas emotivas do discurso persuasivo. **Media & Jornalismo**, v. 19, n. 34, p. 127-141, 2019.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Musa Editora, 2014.